



REDACÇÃO PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 58-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Taltaba — Lisboa — Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Alameda, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## UM SINTOMÁTICO "RECORD"

Durante a última semana, foram entregues neste jornal, endereçadas a vários dos que aqui trabalham, nada menos de sete contras, avisando os respectivos consignatários de que, em harmonia com o artigo tantos do decreto tal, deviam comparecer no edifício da Boa Hora, no dia e pelas horas que se indicavam, sob pena não sabemos de que rigorosíssimos procedimentos legais. Lá tem comparecido os avisados, um dia num juízo, depois noutro, pois parece que aos escrivães do nosso cebolento Palácio da Justiça falta o tempo para outra coisa que não seja tratar das querelas à Batalha. Sete contras numa semana vem a dar uma por dia, salvo erro; de maneira que se é certo que aos escrivães não sobra tempo só para gastar conosco, não menos certo é que a nós não também escasseiam vagares para perder com eles, ou, mais propriamente, com os que lhes dirigem a actividade, posto que não correm os escrivães por gosto, para mais em processos desta ordem, donde nada escorre em monetário.

Uma querela costumava ser, para existência de um jornal, acontecimento de vulto, motivo de franqueadas apreensões, pretexto para artigos e conversas, facto sensacional. Mas desde que a excepção passou regra, descamba no banal o que era estranho, e a prática se tornou já a rotina duma nova querela incidente tão vulgar como o lavar do rosto, ao levantar. Quasi sem dar por isso, quando um de nós mal se precavida, encontra-se de carteira recheada, com dezassete querelas no activo. São já para nós as contras visita habitual, chegada dia a dia e já esperada. De modo que, ou nos enganamos muito, ou é a Batalha quem bate o record em velocidade, nesta coisa de querelas, pelo menos de 1910 para cá, em tempos de República.

Uma situação assim levou-nos ao ponto de não fazer caso desta fúria do Ministério Público, que nenhuma perturbação nos causa ao sono. Que, de resto, a fúria do Ministério Público ou de quem o inspira há de passar, tão insensata, tão descabelada, ela se tem mostrada.

Querela-se por vício, ao que se afigura, porquanto não encerramos os artigos incriminados matéria incriminável, a menos que ande o nosso critério muito afastado da lei, ou que ande o critério da lei muito afastado do bom senso. O que parece ser verdade é confundir-se, nas regiões em que as querelas são determinadas, aquilo que é proibido dizer-se com aquilo que desagrada ouvir dizer. E se isto se confirma, como quer que não tenha este jornal por missão derreter-se em alambicados madrigais a governantes sem miolo e sem escrúpulos, aí temos que fica interminável o iniciado derramamento de contras e querelas.

Note-se, porém, que nunca um jornal de franca oposição, como é o nosso, usou no combate de tão moderada linguagem, e de tal sobriedade no ataque. Breve se convencerá desta verdade quem folhear um pouco a imprensa de oposição republicana nos tempos ominosos dos monárquicos. Não havia ali peias no falar e tudo se dizia livremente — exagerando-se até um pouquinho, em obediência aos nossos acéssos hábitos meridionais. Mas falava-se à testa, com os diabos! E jornais havia até que nas suas campanhas usavam de processos mais do que violentos: desbocados. Não ignoramos que foram perseguidos muitos desses jornais, com querelas, apreensões, o diabo a quatro, e podem os quartos do Limoeiro dizer quantos jornalistas albergararam, durante meses, condenados por delito de imprensa. Mas sempre estas perseguições revestiram um cunho provisório, bastando uma mudança de governo para que cessassem.

Agora mudou tudo. Não só a perseguição é mais activa, como se mostra mesmo essencial na orientação dos governos que se sucedem. Liberais, conservadores ou extremistas, todos se irmanam

nesta falta absoluta de respeito pelas liberdades de quem escreve. Mania é dos vaidosos ocos que se adulem, e logo se desmancham de despeito quando alguém surge a pôr-lhes em pleno sol a calvície interior. Dai o destrambelho desta perseguição à imprensa independente, só porque ela se não associa ao côro laudatório por tantos entoado aos parvenus políticos, gente que um acaso pôs a dirigir um povo, sem nada perceber dos direitos desse povo, sem jamais ter relancado um olhar inteligente para o passado, procurando discernir, através dos relatos da história, a luta grandiosa, titânica, esforçadíssima das populações asfixiadas pela tirania, bracejando desesperadas para alcançar enfim o sol da liberdade.

Estão os tempos mudados, não há dúvida, mudados para pior. E preciso seria, para operar no nosso país, a ressurreição moral de que ele carece; uma coisa que em absoluto nos falta e vem a ser a existência de uma corrente de opinião, forte e aginte, que impuzesse o respeito à liberdade a esses tiranetes meio históricos que tão alvoriadamente a espesinham. O que se vê é que tem sido quasi exclusivamente a classe operária a que se tem preocupado com esta questão máxima de superiorizar moral e socialmente o ambiente do país, a ponto de poder emparralhá-lo com o de outros países, onde os tiranetes aludidos vêem os seus desvarios limitados pela resistência efectiva que lhes opõe uma convicta multidão, em cada dia mais acrescida, e recrutada em todas as classes, uma multidão que ama a liberdade e não consente regressões.

Não há dúvida que este delírio de querelas em que se pretende submergir a imprensa operária é um sinal dos tempos. Juntamo-lo à censura prévia, há semanas vigente para flagelar aquela mesma imprensa operária e teremos o carácter de uma época, piormenteiramente que outras já há muito decorridas. Varnos assim andando, que não nos falta a fé nem a coragem para lutar, extractando um incentivo de cada novo obstáculo que nos surja. Supomo-nos da tempera daquele que anda sube, no fragor da peleja, e perdidos já ambos os braços, seguramos com os dentes o estandarte da vitória.

## Os liberais ingleses e a Rússia

Num discurso pronunciado em fins de Julho, pelo ex-primeiro ministro inglês Asquith, este político protestou de novo contra toda e qualquer política de intervenção na Rússia, dizendo:

«Espero sinceramente que qualquer tentativa de natureza a comprometer nos alinda mais nos negócios da Rússia encontrará uma oposição decidida. O momento não é oportuno para embarcarmos em cruzadas para destruição do que se chama o bolchevismo. A questão do futuro governo da Rússia é com o povo russo e mais ninguém».

Comentando estas declarações, o Daily Chronicle reconhece que a opinião pública está justamente ansiosa por terminar uma expedição, que já não tem objectivo real algum, de carácter militar, para justificar a continuação das despesas, desde que, tendo Kolchak perdido Perm, está destruída a esperança de estabelecer as comunicações da frente de Arangel com Kolchak, por Kotlas e Perm.

Além disso, o exército vermelho, auxiliado pela insubordinação de tropas contra-revolucionárias, separou em dois troços a frente anglo-francesa da Murmânia a Arangel, cortando as comunicações entre estes dois pontos e, pondo o último em perigo.

A imprensa imperialista inglesa reclama a imediata remessa de reforços antes dos gelos, mas os liberais combatem a pretensão. «Os bolchevistas e com eles a grande massa dos russos», escreve o Daily News — «só nos pedem uma coisa: a retirada das nossas tropas dum país no qual não temos o menor direito de intervir. Eles estavam prontos, como repetidamente garantiram, a conceder a amnistia aos nossos «amigos», pe-la ajuda que prestaram à invasão estrangeira. Estes não são muito numerosos nem muito importantes...»

O proletariado socialista não descança, porém, nas promessas de ministros, jamais cumpridas, nem mesmo nas declarações dos liberais. Por isso a Triplíce Aliança (mineiros, ferroviários e transportes), que agrupa mais de 2 milhões de sindicalistas, resolveu na sua recente conferência de Londres (24 de Julho), por 217 votos contra 17, consultar os associados sobre o recurso à acção directa contra a intervenção na Rússia.

## NOTAS & COMENTÁRIOS II Congresso Operário Nacional

### Bolchevismo

Desenhavam-se agora vários escriptos a dizer coisas pavorosas acerca do que se passa e do que se não passa, no longínquo ex-imperio moscovita. Num dos últimos números do *Jornal da Tarde*, um sr. Esaguy, que tem por costume dizer coisas mirabolantes sobre as desengonçadas espanholas do Salão Eoz, escrevia uma série de coisas sem nexo, com pretensões a ataque ao bolchevismo, que mais provocam comissões perante tão acentuado desmilingamento do autor, que o desejo de uma resposta, de resto impossível, atendendo a que não se opõem argumentos ao que dizem os tolos. Mas porque razão o sr. Esaguy, em vez de pretender discutir assuntos sérios, que estão muito acima da sua competência, não se contenta em continuar rabiscando lisonjas às avariadas celebridades artísticas que *nuestros hermanos* exportam para este jardim à beira-mar plantado?

### Puericultura

Acaba a Academia Francesa de receber uma importantíssima dotação, oferta dos senhores Cognac, que pelo nome não percam, destinada à criação de prémios anuais a conceder a famílias pobres que tiverem, pelo menos, nove filhos, nascidos todos do mesmo pai e da mesma mãe. Continua a França a braços com o problema da despopulação progressiva, despopulação que cada vez mais se acentua, talvez por que as causas essenciais não foram ainda atacadas. Há já instituições algumas pensões para as famílias numerosas, mas parece que nem assim, à força de dinheiro, os franceses se resolvem a multiplicar-se, pelo menos na proporção dos falecimentos. Será porque não querem? Alguns opinarão que é porque não podem. Não lá averigüemo-lo. Certo é que, dada a infecundidade característica da raça francesa, poucas famílias poderão habilitar-se ao prémio agora estabelecido pelos srs. Cognac. Arranjar nove filhos, num lar pobre, demanda uma certa actividade industrial, precisamente num ramo em que os franceses ou as francesas se não tem mostrado muito dextros. E estamos nós aqui a visionar o desespero daqueles casais que, tendo conseguido arranjar oito filhos, suando e tressuando em consecutivos anos de labor, se também já com a expectativa do prémio cubado quando começam a falhar-lhes as tentativas para arranjar o nono e último preciso descendente. E as recriminações que os cônjuges se dirigirão, atribuindo-se as responsabilidades do insucesso, e as combinações, feitas num momento de calma, para novas tentativas... *Recommençons donc, drolasse de femme, il ne nous manque qu'un dernier pour toucher la galette!* Deixemo-nos de histórias, que sempre vale mais ter nove filhos pagos que oito de graça.

### O Esperanto

Toda se agita a *Epoca* com o facto de ter sido dada autorização superior para o estabelecimento de um curso de Esperanto na Escola Comercial de Ferreira Borges. A *Epoca* é um jornal católico, azedo, venenoso, reguimbau como os machos atacados pela mosca, e o melhor que a gente tem feito é deixá-lo falar e passar adiante. Mas há coisas de uma tamanha estupidez nas colunas do órgão dos sacristas, que não podem passar sem reparo. Amofina-se a *Epoca* com o Esperanto, e lá dá a razão ao seu enfado: *Sabe-se como uma língua comum seria um ótimo elemento dissolvente, concorrendo para a abolição das fronteiras, e não se ignora o interesse que os bolchevistas portugueses tem manifestado na sua propaganda.* Ignorário os obusos carolas que a língua Esperanto, aliás uma das mais importantes e valiosas descobertas dos últimos tempos, tem servido mesmo a missionários cristãos para a sua propaganda em longas terras. Ignorário isso e tudo o mais que não seja escorrer planas galletas e morder no próximo. Este desesperado com a língua Esperanto, talvez seja porque já não pode aprender línguas, os velhos burros apostólicos.

### MÚSICA

#### Concertos populares no Jardim da Estrela

Realiza-se hoje, no Jardim da Estrela, mais um concerto popular, promovido pela orquestra da Associação dos Músicos Portugueses, sob a regência de Miguel Ferreira, com o programa que já publicamos.

Do sucesso que tem tido os antecedentes concertos promovidos pela Associação dos Músicos Portugueses avalliamos bem os que a eles assistiram. Os programas tem sido organizados com um tacto superior, e a esta circunstância junta-se a impecável execução das peças escolhidas.

No programa de hoje figura a grandiosa *Ouverture Solennelle*, de Tchaikowsky, peça de agrado inteiramente certo, sobretudo quando executada pela forma que hoje se adoptará, isto é, respeitando-se absolutamente todas as exigências da partitura.

Estamos certos de que o operário, a exemplo do que tem sucedido nos concertos anteriores, acorrerá entusiasmado ao concerto de hoje. Trata-se não só de ouvir trechos da melhor música, mas ainda de auxiliar uma iniciativa absolutamente digna de auxílio, como seja esta dos músicos portugueses.

O preço de entrada no jardim é de 20 centavos.

## Uniformidade de salário

Tese a apresentar ao Congresso pela Associação dos Estucadores de Lisboa

**Presados camaradas:** — No próximo Congresso Nacional da Construção Civil vai ser discutida uma tese de alta importância, que necessita de imediata resolução, intitulada *Uniformidade de Salários*, que deve sem dúvida merecer também a este Congresso uma especial atenção, em virtude do problema que visa revestir um carácter de interesse geral, porque todas as classes trabalhadoras são indistintamente afectadas pelas consequências resultantes dos irróris salários ainda vigentes em muitas regiões do país.

Nas localidades da província, aonde antes da guerra a vida era relativamente barata, atinge ela na presente conjuntura uma elevação de custo, de tal ordem, que os salários mais elevados, que hoje auferem os operários mais remunerados das cidades, seriam insuficientes para fazer regressar à situação antiga a vida dos operários aldeãos.

Apesar de ser a província que produz uma grande parte dos géneros mais essenciais à existência, estes escasseiam frequentemente ali, em virtude dos seus detentores os fazerem transportar para outros pontos, deixando assim a população destas localidades privada de os adquirir. Dai, a exorbitante e escandalosa elevação nos preços desses géneros, quando conseguem, por grande favor, que os «beneméritos» lavradores seus contrários se dignem conceder-lhos.

Como consequência natural da vida miserável, destes trabalhadores, sucede-se uma grande concorrência de braços, nas localidades aonde, mercê da acção dos trabalhadores ali existentes — os salários são actualmente mais compensadores, dando isto origem a constantes crises de trabalho, que colocam muitos braços na inactividade e impedem, ao mesmo tempo, a conquista de reivindicações.

Encarado, pois, o problema por este princípio, julgamos da máxima urgência a adopção de medidas eficazes que tenham por fim levantar a moral

destes trabalhadores, e prepará-los para a luta pela conquista de melhores reindicações, de molde a suavizar a sua misérrima situação e evitar que sejam compelidos a abandonar as suas famílias, para irem procurar em terras longínquas os meios de subsistência.

Este problema, que talvez a muita gente pareça superficial, é, contudo, alguma coisa grave, carece de imediata resolução, e não pode ela apenas depender da louvável iniciativa da Federação da Construção Civil. Precisa ser tratada com maior amplitude, por ser de interesse geral, e a acção deste organismo apenas ser extensiva, aos componentes da mesma indústria.

Pelos motivos acima expostos, e muitíssimos outros que desnecessário se torna citar, por estarem a alcance de todos, e no intuito de congregarmos esforços que conduzam a um plano amplo de acção, no ataque a este magno problema, propomos ao Congresso o seguinte:

1.º Que o Conselho Confederal, de comum acordo com a Federação Nacional da Construção Civil, promova, sem delongas, um minucioso inquérito, por intermédio dos organismos aderentes, que o habilitem a conhecer detalhadamente o custo da vida, nas diversas terras do país, e quais os salários que os operários auferam, nas mesmas localidades.

2.º Que nas localidades onde os salários sejam mais desproporcionais em relação ao custo da vida, se envidem os esforços necessários no sentido de serem elevados ao nível dos operários das outras localidades.

3.º Que seja aceite, para tal fim, a cooperação de quaisquer outros organismos operários.

Lisboa, 24-7-1919.

Pela Associação de Classe dos Estucadores e Decoradores. — A Comissão: João António Figueiredo, Virissimo Alves de Amorim, José Fernandes, (relator), João Baptista Bacelar.

## NOTAS E IMPRESSÕES

### Os "eleitos" do povo

Levantava-se sussurro quando o presidente anunciava que ia perorar um apolítico. Todos aqueles senhores, recostando-se nos seus lauteis, começaram a conversar desalmadamente, a princípio em voz baixa, cujo tom foi aumentando insensivelmente de tal maneira que, ao cabo de dez minutos, o vasto salão tornava-se uma sala de hotel à hora de jantar. O presidente, ele mesmo, tinha-se pendurado num dos secretários em tam amena cavaqueira que a coisa ultrapassava já os limites do escândalo. Naturalmente o desgraçado opositorista estava só naquela tarde, porque não apareceu um homem de boa-vontade que protestasse contra a faldacia. Ele, contudo, avançava sempre e provava, não se sabe bem a quem, que a insubordinação de determinado problema traria — não o duvidassem com mil ralos! — a ruína económica do país.

Por aqui fora, o discurso continuava, ora violento e inflamado, ora polido e burlesco, tentando convencer os antagonistas da gravidade do momento, para o qual era preciso olhar «com de cido e energia». O infeliz, tam entredito estava no seu soliloquio que nem por sombras chegou a duvidar de que o escultavam religiosamente, com aquela atenção, mista de admiração e respeito, com que as velhas de 70 anos costumam escutar o ribombo do trovão.

Passava-se já, talvez, boa hora e meia, e tendo-se exaustado em todos os lugares o repertório de histórias de brejeiras, todos aqueles conspícuos cavalheiros se entreolharam, espantados, não sabiam bem de quê, mas com uma vaga ideia de que qualquer coisa de extraordinário sucedia. Aparentemente, então, isolada, quasi no fim do vasto salão, a que os estores corridos davam uma meia-obscuridade deliciosa, uma sombra esquisita, que se dobrava, inclinando-se para a frente, que gesticulava por conta e medida, e agitava nas mãos trêmulas um volumoso rolo de papeis, Riram à sarfada, e logo um dos mais loquazes, levantando-se, interrompeu que o illustre opositorista estava fora do assunto para que a dante assembleia fosse chamada a pronunciar-se. Os outros apolíticos e o intruso acabam por pedir a palavra. O pobre opositorista encolheu-se, meteu a vista no saco e os papeis na competente e inevitável pasta, mediu o barulheiro de monótono e de baixa rapidez que acabara de fazer recolher a fada do bucho, e sentou-se, constrangido, não sabendo se faria melhor figura ficando entre todos aqueles senhores, ou se a sua saída, chamando a atenção dos adversários, não iria fazer com que, sentindo-se alvo das atenções gerais, tropeçasse e caísse de bordo sobre os seus projectos, em defesa dos quais a má-criação dos colegas consentira que ele falasse durante cerca de duas horas — a maior oração de toda a sua vida, por certo.

Enquanto deliberava, o do monótono começara a sua arenga. Eis o que ele disse, com um modo desprecioso, a fadiga visível de quem faz um frete: «Meus senhores! A felicidade é uma gazela... perdão, isto é de Alphonse Karr. O que eu queria dizer é que a li-

berdade é uma quimera e que a felicidade não é deste mundo. Podemos estar muito tranquilos agora, com a suprema alegria de nos encontrarmos reunidos no cumprimento do nosso mais caro dever de cidadãos. Podemos, seguramente. Mas ninguém poderá evitar que qualquer de nós parta uma perna à saída deste magnífico recinto, onde fomos colocados pelo nosso amado povo para velar pela sua segurança e pelas suas prerogativas. (Não apoiado, diz uma voz). Ora, pois... Tenho na minha mão, meus senhores, a prova concluyente de que os nossos inimigos tramam uma campanha formidável com o intuito maquiavélico de nos despossar da situação que o nosso muito amado povo liberramente nos confiou ainda há tam poucos dias. Posso as provas do que afirmo, (muito bem, muito bem) e só passando por sobre o meu cadáver me fecharão a boca. Peço, por conseguinte, a atenção dos meus illustres colegas. Veni hoje em todos os jornais, ou quasi todos, como terão visto, uma nota da Companhia das Águas que, falsamente como posso demonstrar, pretende alarmar a população lisboeta com uma possível falta de água na nossa bela cidade, que assim ficaria à mercê das epidemias. Esta nota dá uma triste nota da competência mentirosa dos nossos detractores — porque nem por um momento devemos deixar de admitir que se trata duma patranha infelicitíssima, (apoiado, apoiado!) arranjada adrede para nos indispor com os nossos queridíssimos eleitores. Eles! a dar-se a tal facto, nunca nos perdoariam o termos domado a sono solto, sem sequer nos importarmos com as suas mais urgentes necessidades. A verdade, porém, é que os reacçãoários, que de tudo se aproveitam para os seus fins inconscíveis, acabam de lançar mão dum ardil grosseiro, próprio apenas para ludir crianças, e que, por isso mesmo, não engana a mais ninguém».

E ainda mesmo que fosse verdade, que eles tivessem razão? Que inconvenientes haveria em que a linda cidade de beira-mar plantada, cheia de sol e de galegos, ficasse privada desse impuro elemento? Nenhum a meu ver. A Companhia fornece-nos uma água im... como dizer? Imbecível que nenhuma falta nos faz. Chega até a causar pena que se tivesse construído um aqueduto enorme, que levou cento e quatro anos a acabar, para flagelo dos portugueses do século XX. Repito, meus senhores, a água é-nos absolutamente desnecessária. O nosso muito amado povo não se lava; as ruas não precisam ser regadas porque vivemos já num estado de perpetua epidemia; os fogos, quando os haja, apagar-se-ão com a ajuda preciosa dos extintores «Minimax»; a comida dos nossos caríssimos concidadãos levará água, pela razão simplicíssima de que os habitantes da lida e nobre cidade estão desabilitados de comer tanto os comerciantes lhes tem retirado a manjedoura. Et cetera, et cetera...»

Não se fala nas inúmeras vantagens que o caso, a dar-se, nos traria, visto que, para matar a sede, se usaria, em vez de água, vinho — o belo sumo da uva, mas puro como uma rosa em que as abelhas não tivessem posado ainda, vinho que os nossos honestos libereiros não poderiam baptizar, pela ausência da água... benta indigestível! Não nos iludamos, pois, Deixai caluniar à vontade. Deixai o caminho livre à absurda invenção. Deixai cor-

## EM REGIME DEMOCRÁTICO



LIBERDADE.

A QUESTÃO VIDREIRA

## OS OPERÁRIOS FRANCESES

veem trair os vidreiros de Portugal?

Dizia anteontem um telegrama do Porto para o *Diário de Notícias* que a Leixões chegara um vapor em que vinham oitoenta e tal operários para trabalhar na fábrica de garrafas de uma Companhia qualquer ali montou. Não fizemos nós ao telegrama referido os comentários que lhe merecia por ainda agora estarmos convencidos de que ele não passa duma habilidade da companhia dos vidros, habilidade por mais dumavez posta em prática. Anuncia-se hoje a chegada ao Porto de operários franceses como ontem se noticiava a entrada de operários espanhóis que, afinal, ninguém viu.

Mas se não quizesmos nós referirmo-nos ontem ao citado telegrama do informador da gazeta aludida, fê-lo o sr. Norberto de Araújo, na *Manhã*, tocando a corda patriótica, embora com considerações bastante sensatas e muito justas.

E uma vez que o sr. Norberto de Araújo na questão bolu — classificando de criminoso o procedimento dos industriais que ao estrangeiro vão buscar operários para o desenvolvimento da indústria, ao mesmo tempo que pela fronteira oposta uma percentagem fabulosa de imigrantes vai procurar em mais gratas paragens o pão de cada dia, chegando a classificar os industriais de criminosos e antipatriotas, porque sendo Portugal uma pátria onde nada se produz, onde não se trabalha porque não se sabe trabalhar, onde ninguém pensa em empregar tantos milhares de braços no aproveitamento de tantos hectares de extensos litorais deste montanhoso país — uma vez que o sr. Norberto de Araújo, vendo a questão pelo lado patriótico, não admite que a companhia importadora de operários — género que costumamos exportar em grande escala, e até passado nos ditos — obtenha justificação para o seu procedimento tolo, e de leze-pátria, não podemos ficar calados, como se testificásemos, aguardando o desmentido ou a confirmação do telegrama do *Diário de Notícias*.

As considerações que fazemos, porém, mais não são do que esclarecimentos a juntar à opinião do articulista da *Manhã*.

Que dirão sr. Norberto de Araújo e que dirão os seus leitores se acrescentarmos que a Companhia, que a França foi contratar vidreiros, tem paralizado, há oito meses, centenas dos seus operários? Há oito meses, sim senhor!

Em Portugal não são precisos operários vidreiros. Nem ajudantes, nem mestres, como ainda admitia o articulista a que nos temos referido. A Companhia foi a França recrutar operários, como o havia feito já em Espanha, aliás sem resultados, como o prova o aviso do Comité da Federação Vidreira de Barcelona que traduzimos do seu órgão *El Vidrio*.

Recomenda-se encarecidamente a to-

ter a balela. Deixai correr o marfim. Não nos incomodem a ligar importância aos nossos adversários que só pensam, pela sua anti-patriótica atitude, (muitíssimo bem!) em levar o pacífico e bom povo português a uma revolução bolchevista, (bravo, bravo!) com as continuas mentrolas que lhe põem diante dos olhos. Felizmente, que ele já os vai abrindo. Tenho dito.

Cá fora, o sol batia de chapa o peãozinho e o Frontão, olhando tristemente para o largo, lamentava-se, talvez de não poder sair a falta de regas, fazendo chi-chi nas esquentadas cabeças da pilosidade edilícia.

Antero de LIMA

## Nos presos do quartel do Carmo

Convidam-se os camaradas que estiveram no picadeiro do Carmo, e que ainda não vieram a esta redacção, a comparecerem hoje, a fim de receberem uma importante comunicação.

## Os presos do Carmo

Porque não se libertam esses camaradas? — Uma comissão da U. O. N. trata da situação dos operários presos

Tendo sido anteriormente libertados os operários que se encontravam no governo civil, natural seria que com os camaradas que estão no quartel do Carmo de igual forma se procedesse, uma vez que idéntico é o seu delito — serem trabalhadores conscientes, que no peito acendem a fé na emancipação proletária e para ela contribuem com o seu esforço. Não sucedeu assim. Mas estamos tão habituados a ver as autoridades deste país adoptarem as atitudes mais extraordinárias, que não nos admiramos muito da diferença de tratamento. Todavia, necessário é que as autoridades ordenem a libertação dos trabalhadores presos no Carmo, pois bastante tempo lhes sobrou com o arbitrio dos poderes públicos.

Para tratar da situação desses camaradas, uma comissão da U. O. N., acompanhada pelo dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da U. O. N., procurou ontem o director da policia de segurança do Estado, o chefe da mesma policia, sr. Murtinheira, e ainda outras entidades, constatando, ao fim dessas demarches, que os camaradas do Carmo não estão presos a ordem de ninguém!... Chega a parecer impossível que neste país se arremesse um individuo para o cárcere, não se importando as autoridades, depois, com a sua situação. E para ali fica, impossibilitado de ganhar o pão para a sua família, revoltado por tão infame violência, não podendo gritar a razão que lhe assiste porque as paredes do cárcere abafam-lhe a voz e as palavras dos jornais que condemnem tão censurável atitude da policia, não são ouvidas por quem de direito.

A comissão da U. O. N. prometeu o novo director da policia de segurança do Estado que iria tratar da situação dos presos, averiguando a sua culpabilidade. Confiamos, pois, em que esse funcionario os mande libertar, porquanto aos seus delitos não há artigos do Código a applicar.

### AS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE

## Uma recomendação importante da U. O. N.

O Conselho Central, ontem reunido, depois de ter apreciado a circular que o ministério do trabalho enviou recentemente às associações operárias sobre as Bolsas de Trabalho e o Conselho Superior de Previdência Social, deliberou recomendar às associações operárias que não elejam delegados sem que o assunto seja discutido no próximo Congresso Operário Nacional, onde será levado por resolução do mesmo conselho.

Resolveu também o Conselho Central da U. O. N. aconselhar as associações que já officiaram para o ministério do trabalho a que enviem novo officio para o mesmo ministério, dando como nula a sua resolução anterior, devendo pronunciar-se definitivamente depois do Congresso de Coimbra se manifestar sobre o assunto.

## A agitação na Inglaterra

Em Liverpool dão-se graves acontecimentos, travando-se combates entre o povo e as tropas

LONDRES, 6. — Comunicam de Liverpool que os armazéns e entrepostos junto às docas foram atacados e saqueados por grande número de assaltantes, formando grupos. A policia interveio, conseguindo dispersá-los, mas pouco depois reconstituíram-se, continuando os assaltos.

Foram chamadas tropas, que se apoderaram dos pontos estratégicos do porto e puzeram em fuga os assaltantes, porém, quando foram presos os principais autores dos assaltos, a multidão fez frente à força, que, sob um dilúvio de pedras, teve de fazer fogo sobre os revoltosos, matando um e ferindo vários. Ficaram presos 200. Julgou-se que daí em diante reinaria sossego e, então, as tropas retiraram-se, porém, pouco depois de anoitecer, começaram a afluir grupos ao porto, que conseguiram envolver a policia e prosseguir na tarefa de saque empreendida durante o dia.

Acudiram então numerosas forças policiaes, que carregaram a muro e a paulada sobre os manifestantes, e depois de longa refrega conseguiram fazer senhores do campo, sem que os disturbios se tornassem a reproduzir. Já centenas de presos.

## Funcionários públicos

A cerca de uma carta publicada num jornal de ontem, escreve-nos a Associação dos Funcionários Públicos, protestando contra o procedimento dos signatários da referida carta, a quem não reconhece autoridade para condemnar o aumento de vencimento aos funcionários públicos, dizendo que se é verdade que reclamam melhoria de situação, também propoz a redução dos quadros, pondo-se assim um dique ao crescer do funcionalismo público.

Sobre o mesmo assunto também nos escreve a Associação de Classe dos Empregados Menores das Secretarias do Estado, dizendo que os funcionários públicos apenas pretendem a equiparação de vencimentos nos diversos ministérios.

## Súplica desnecessária

A um espirito observador que de fora, mas de vista, analise com imparcialidade as perseguições que o governo actual, como já o haviam feito os anteriores, move contra a organização operária, não faltam razões para uma critica acerba aos perseguidos e aos que seus defensores se dizem, mais do que aos próprios perseguidores.

Que o governo é reaccionario; que são arbitrários seus actos; que arbitrariedade as prisões sem motivo justificado, os encarceramentos, os espancamentos, os assaltos, etc., etc.

Os organismos operários e os seus órgãos por aí se tem fartado de clamar que o governo anda mal, que não é acertado o caminho que vai trilhando, e se eu que mais de conselhos para o melhor timonear, desta nau sem rumo, onde parece não haver um pouco de juizo, não direi já nos timoneiros, onde seria impossível, mas ao menos nos "grumetes", nos marujos mais antigos nas derrotas, nas tempestades, nos naufrágios.

Lá que os homens da governança são parvos e ignorantes, está muito bem. Que são mais do que isso, mais reaccionários, despóticos, cízarres, não resta dúvida: São novos no officio que os não deixa não envelhecer. São milicianos caídos dos bancos dos cafés ali do Rocio, das ninfas do Olimpia e dos corredores da Bólsa.

Lá que os homens do leme aitem com a barcaça de encontro à rocha, onde irá despenhar-se, ou a deixem mergulhar nas profundezas do oceano, não admira.

Se nunca souberam eles o que fosse dirigir uma nau! Pois se eles nada percebem daquilo! E daí, se ela for por aqui abaixo, ou esbarrar no promontório, a sua vida está sempre a salvo.

Lá que eles os recrutados não percebem nada disso, nem queiram perceber — o que também não é preciso — lá que eles sejam tolos e imbecis, isso é natural.

Mas que diremos dos maquinistas, dos que fazem andar o barco carregado com o enorme peso de milhares e milhares de tolos passageiros de chapéu alto e bengala; emborcando corpos e copos de cerveja por aqueles gorreios, ou sorvendo e ressoando o conteúdo de outros copos quasi estalando com o grau de frieza dos flocos de saravada, meio líquido, meio sólido, que se desfaz ao contacto daquelas bocas burguesas, absolutamente desconhecidas do pão negro e das sardinhãs salgadas que lá em baixo o foguete tritura apressadamente?

Que diremos da velha tripulação, soldados rasos que, desde que nasceram, outra coisa não tem feito senão empurrar o navio à mercê da inexperience ou da maldade dos da ponte?

O governo prende os operários porque não lhe convém deixá-los à solta. Não os prende todos porque não teria depois quem lhe desse que comer. Mas prende os que pode e os que quer. O governo é representante da burguesia das cervejas, das carapinhadas e dos succulentos manjares.

Vê por todos os lados revoluções e revolucionários. Soldados, marujos velhos que, fartos de aturar toda a cáfila de capitães, fartos de ver andar o barco aos as, pretendem agarrar-se ao leme para evitar o naufrágio quasi inevitável. O governo prende toda a gente, e não faz mais porque não pode, porque não sabe, porque nunca ninguém lhe ensinou. Era assim pouco mais ou menos, que os outros faziam, e é assim que ele faz.

Conscio dos crimes que a burguesia tem praticado, burguesia de que ele é directo representante, teme, como é natural, que a todo o momento as vítimas acordem e corram a pontapés os verdugos. E toca a prender, a matar, a perseguir.

Está no seu papel de capitão parvo. Não é, pois, contra o governo que devem insurgir-se os que são vítimas da sua maneira de governar a barcaça. O governo faz o que lhe encomendam. Não está ali para outra coisa. É a burguesia que lhe paga, é a burguesia que ele serve.

Quem queriam os operários presos e soltos, que o governo fizesse a Revolução Social?

Que me desculpem os militantes operários que eu ouço gritar que se cumpra a lei, que enveredem os governos por bom caminho, que sejam justos, que cumpram o seu dever, e tal, e tal. Mas a minha opinião é que os governos tem desempenhado o seu papel. Não tem sido justos? Mas então se fossem justos e inteligentes, e rectos, e bons, já nos tinham libertado de tantos jugos que nos esmagam; e eles próprios já teriam desaparecido. Os operários a pedirem ao governo que siga por bom caminho! Mas porque não se aconselham os operários caminho diferente? Os governos estão no seu lugar; põem-se os operários no seu. Os interesses são antagonicos. Pretende a burguesia derrotar o proletariado? Pois trate o proletariado de derrubar a burguesia.

Pedir ao adversário que seja benigno, que não mate a tração, não faz sentido. É reconhecer-lhe o direito de usar de processos melhores. Dizer aos comandantes que não matem de fome e pancadaria os maquinistas, e os fogueiros, e os chegadores, é asneira tanta grande quanto é certo que o barco anda porque os maquinistas o fazem andar.

Orá parem o barco e verão quanto vale toda a força que vos esmaga e a qual pedis clemencia. Assim, sim. Assim é que está certo. Parem o barco e subam cá a coberta. E já agora que ali virdes, de rôdo em punho, não vos esqueçais dos farantes que delegados vossos se dizem.

Eles ali estão. Olhai como dão vivas agora à Fraternidade e à Igualdade. Patifes! Ainda agora apolavam as medidas contra vós tomadas pelos comandantes. Já vos chamam soberanos.

Já em baixo! Lá estão. Correi-os! Não os vades? Como se dá ares aqui, a súa que anda ontem, representando as esquerdas mais extremistas, consentia, boca fechada, o azoragamento! Nada, que o intestino é inextinguível, e os seis, seis e sessenta seis são bem mais succulentos que consultórios sem doentes, agências sem freguezia, ou folhas de salário de escriptórios comerciais. Além de que as largas poltronas do palácio de S. Bento são incomparavelmente mais confortáveis que os bancos altos e desamparados, as carteiras chanfradas e os pesados volumes da usurária fórmula do Deve-Haver.

Pedro IVO

## As greves

### Marceneiros

Continua ainda latente o movimento desta classe, encetado há 63 dias. Há duas semanas que os operários retomaram o trabalho nas casas que atendem as suas reclamações, que são em número de 137, esperando-se que em restantes abram amanhã. E de crer que os operários, ao antem nas officinas, saibam antecipadamente as condições em que ficam, só aceitando as que a Associação reclama. Hoje, às 12 horas, é distribuido o auxílio aos grevistas, pedindo-se a comparsa de todos, para evitar reclamações.

O Bolsim de Trabalho, tem empregado grande número de operários. Todos os pedidos e informações devem ser dirigidos à sede da Associação, travessa da Agua de Flor, 20, 2.º.

### Operários das fabricas de conservas

ALMADA, 9. — A greve dos operários das fabricas de conservas mantém-se estacionária, devido à intransigência dos industriais. Os operários na assembleia de hoje ratificaram as suas resoluções anteriores que consistem em não retomar o trabalho sem inteira satisfação as suas reclamações.

### Carris de Ferro do Porto

A greve do pessoal da Companhia Carris — Apesar da razão conhecida, do provado escamoteamento da Companhia e da ordem seguida pelos grevistas, as autoridades administrativas preparam-se para furar o movimento — A tropa em acção

PORTO, 7. — A greve da Carris vai mudando de aspecto. Conforme os desejos manifestados pelo chefe do distrito, os grevistas transigiram 10 por cento no aumento de salário reclamado, embora com a condição da Comissão delegada continuar a insistir junto de quem compete pela obtenção dos 10 por cento agora cedidos para terminar o conflito.

A Companhia reconsiderando, oferece ao pessoal 30 por cento sobre os primitivos salários e não sobre os que actualmente estavam auferindo, conquanto com a subvencão, alegando, sempre, o seu colossal deficit financeiro. A Câmara, no desejo de habilitar a Companhia a fazer face as reclamações do seu pessoal, evitando uma paralisação de trabalho, permitiu a revisão das tabelas, com uma solicitude digna de nota, advindo-lhe daí uma receita de 160 contos, assim destinados, conforme a 70 a 75 contos para atenderem as reclamações dos empregados da Carris e 90 contos para fazer face ao alegado deficit da Companhia. Câmara, publico e autoridades superiores do distrito dem razão aos grevistas. E quando tudo parecia inclinar-se para uma acção justa, essas mesmas autoridades, numa reviravolta de consciência e de dignidade, mandam invadir a fabrica geradora da Companhia Carris, enchendo-a de policiaes, e dispõem-se a restabelecer o serviço interrompido dos carros electricos, guiados por agentes de civica fardados, por 30 praças de artilharia 6, etc., rodeando a estação da Boavista por cavalaria, infantaria e talvez — quem sabe? — metralhadoras!... É a soldadomania de furar greves. Conseguirão, porém, as autoridades o seu objectivo? E no caso afirmativo, surgirá algum electrico fantasma? Consoante o contracto, ao que afirmam, a circulação de carros não pode estar interrompida dez dias, podendo a Câmara, neste caso, apoderar-se dos serviços da Carris. Mas a despeito de ser burlada nas suas intenções, sempre tem pena da Companhia. É uma potencia burguesa. Ditosa República que tais filhos trata...

Ontem, quando os anuallistas estavam reunidos junto da redacção do Primeiro de Janeiro, esperando uma comissão que ali fôra expôr-lhe as suas razões, um agente policial de superior patente dispôs-se, violentamente, a dissolver aquella multidão privilegiada.

É bom, que é para verem o que custa aos operários e para experimentar as belezas dos nossos policiaes... republicanos...

Até à hora em que fecho esta carta para o correio (19 horas), ainda não foi possível sair um carro para a rua, a despeito dos reiterados esforços do pessoal policial e militar dirigido pelas autoridades administrativas — embora estas afirmassem na imprensa local que, desde as 12 horas em diante, fariam circular 50 carros, respectivamente nas linhas números 1, 2, 5, 7, 9, 10, 13 e 14, custasse o que custasse... Desta feita... ficaram mal... — C.

### Os policiaes e os soldados prestando bons serviços

PORTO, 8. — Os grevistas da Carris mantêm a mesma attitud, no entretanto os engenheiros e alunos de engenharia com policiaes e soldados daquella arma estão fazendo um bom serviço. Embora não haja ainda carreiras completas todos os carros andaram repletos. — H.

### JUVENUDOS SINDICALISTAS

Da Indústria Mobilidária. — A comissão administrativa e comissão de propaganda reúnem hoje, às 14 horas, no local do costume. A cobrança começa hoje, domingo.

### Tentativa de suicidio

Na enfermaria 15 (Santa Isabel) do Hospital de S. José deu entrada Henriqueta Ângela Correia, de 20 annos, modista, rua da Beira, 171, 4.º, que tentou suicidar-se na residência com um fogareiro.

### Cruz Vermelha

No posto de socorros no Terreiro do Paço fizeram-se 15 curativos de urgência indivíduos vítimas de pequenos desastres e 30 de repelção e no da Junqueira 9 de urgência e 35 de repelção e 36 de urgência de doentes nos hospitais nos autos desta sociedade.

### Uma questão de amizade

Pai preso Manuel Francisco, Beço de Palma de Baixo, 3, por agredir com um vidro a sua amante Maria Pereira, de que resultou ficar com dois graves ferimentos no rosto, tendo ido receber curativo no hospital do Rego.

### Uma questão de amizade

Velmente mais confortáveis que os bancos altos e desamparados, as carteiras chanfradas e os pesados volumes da usurária fórmula do Deve-Haver.

### Uma questão de amizade

Na enfermaria 15 (Santa Isabel) do Hospital de S. José deu entrada Henriqueta Ângela Correia, de 20 annos, modista, rua da Beira, 171, 4.º, que tentou suicidar-se na residência com um fogareiro.

### Cruz Vermelha

No posto de socorros no Terreiro do Paço fizeram-se 15 curativos de urgência indivíduos vítimas de pequenos desastres e 30 de repelção e no da Junqueira 9 de urgência e 35 de repelção e 36 de urgência de doentes nos hospitais nos autos desta sociedade.

### Uma questão de amizade

Pai preso Manuel Francisco, Beço de Palma de Baixo, 3, por agredir com um vidro a sua amante Maria Pereira, de que resultou ficar com dois graves ferimentos no rosto, tendo ido receber curativo no hospital do Rego.

### Uma questão de amizade

Velmente mais confortáveis que os bancos altos e desamparados, as carteiras chanfradas e os pesados volumes da usurária fórmula do Deve-Haver.

### Uma questão de amizade

Na enfermaria 15 (Santa Isabel) do Hospital de S. José deu entrada Henriqueta Ângela Correia, de 20 annos, modista, rua da Beira, 171, 4.º, que tentou suicidar-se na residência com um fogareiro.

## A GREVE FERROVIÁRIA

### Os grevistas mantêm-se na mesma attitud e a Companhia e o governo também

Realizaram os ferroviários mais uma assembleia, deliberando continuar firmemente com a greve. Por sua parte, o governo e a Companhia mantêm a sua intransigência, não mostrando tendências para transigir. Lamentável é que as entidades que podiam ter solucionado há muito esta greve, ainda o não tenham feito, sacrificando aos interesses do capitalismo, os interesses da população de todo o país, que o governo teria em atenção se não cuidasse mais de zelar pelos privilégios de uma classe, que pela situação do povo. Continuará, pois, a greve, por culpa exclusiva dos governantes. E só nestes deve a opinião pública ver os verdadeiros responsáveis da manutenção da anormalidade dos serviços ferroviários, pois de justiça é reconhecer que os grevistas nada mais fazem que lutar pelas suas regalias, já reduzidas ao mínimo, e defender-se dos ferozes ataques do governo e da Companhia.

### Nota officiosa do Comité Central

Sempre firme e corajoso se encontra o pessoal ainda que, nas notas officias da Companhia, se diga que está regularizado o serviço.

A greve é e será um facto sempre, enquanto o lial e intrépido pessoal da tracção se conservar firme como até agora.

As officinas, pessoal de trens e o consiciente pessoal do movimento de Lisboa e provincia, continuarão fazendo barreira até à morte, se necessário for, vendendo pouco pouco que possuímos e pelo mínimo que pedimos.

Quem poderá duvidar da nossa razão e da nossa vitória? E agora que devemos estreitar mais a nossa união, ainda que a nossa intransigência possa proporcionar-nos o máximo sofrimento.

Repore o publico nas informações da camarada Ernesto, maquinista. Com o maior entusiasmo constata-se a solidariedade de toda a linha e viu em toda a parte valentes lutadores que esperam que de Lisboa lhes chegue a feliz nova da vitória. Pouco terão de esperar essas camaradas, porque a vitória está assegurada.

As outras classes operárias coadjuvando-nos há, por agora, monetariamente, para que melhor possamos vencer as dificuldades materiais ocasionadas pela paralisação.

Os grevistas continuaram portanto intransigentemente na luta, nada os fazendo recuar, antes pelo contrario cada vez mais energicos pela solidariedade de todos os trabalhadores.

A todos os camaradas que de novo abandonaram o serviço, este Comité envia um abraço fraternal.

Em Outubro, o comandante da força militar prendeu o nosso camarada Inácio Jerônimo, deixando-lhe na miséria 7 filhos e mulher. A quem se pedem providencias?

Quando será posto em liberdade o camarada José Rodrigues Geofeira, chefe de distrito em B. Lares, Figueira, preso por ser grevista consciente e um lial lutador?

Há ainda neste país algum resto de humanidade? Se há, cumpram com o seu dever.

Os governantes e a Companhia esperam com ansiedade o dia de amanhã, segunda feira, para, como dizem, sepultar os grevistas, que calculam estar agonisantes. A todos os camaradas cumpre dar-lhes a prova em contrario, não lhes ligando a menor importância.

Comunicam-nos de alguns pontos da linha, que vão abandonar de novo o serviço os empregados que o tinham retomado, por terem sido lubridados.

Mais outro cheque nos nossos inimigos.

Um comerciante, amigo dos ferroviários, oferece, a crédito, todos os géneros necessários para as cozinhas comunistas, oferecimento que não aceitamos ainda, por nos estarem auxiliando as classes que a isso se prontificaram. No entanto agradecemos do coração tam nobre gesto, tanto mais vindo ele dum amigo que não pertence ao número dos que se ofereceram ao governo para nos esmagar.

Coragem, pois, caros camaradas. A raiva impotente em que se debatem os nossos verdugos agonisantes, cada vez nos incita mais a persistir na luta até à glória final.

Lutemos, pois, sem tréguas e o tempo que for preciso para vencer.

Viva a greve!

O Comité Central

Nota officiosa do Sindicato

Atendendo a que a plataforma apresentada pela comissão de parlamentares, não é aceitável, a classe em sua reunião de hoje, resolveu não aceitar mais intermediários, e continuar em luta até à vitória.

Como no primeiro dia, o moral do pessoal em greve, é excelente, pois que, tendo-se apresentado um maquinista, este fez uma viagem ao Porto e constatou que nenhum empregado se encontrava nas estações, pelo que, chegado a Lisboa, abandonou o serviço, que só retomará após a vitória.

O comboio n.º 9 que devia partir às 10,30 do Rocio, só partiu depois do meio dia, por não terem máquina que o rebocasse, pois a máquina que devia fazer este serviço teve que ir rebocar o comboio n.º 211, que estava retido em plena via, perto de Amadora, por estar a caldeira queimada por falta de competência de quem a tripulava.

O pessoal de escriptórios que se tinha apresentado em Lisboa abandonou o serviço em parte.

Acabamos de ter conhecimento de que foi feito um ataque contra a estação de Santa Apolónia, ataque a que os grevistas não completamente extraños, pois que a hora a que ele se deu estavam reunidos na Caixa Económica Operária. Tudo faz querer que o ataque é obra de pessoas que tem o propósito de prejudicar o nosso movimento ordeiro e disciplinado.

Na Caixa Económica Operária

Os grevistas ferroviários reuniram ontem em assembleia magna na Caixa Económica Operária, sendo grande a

concorréncia. Preside o ferroviário Almeida, secretariado por Manuel Tomé e Francisco Corregedor Mário Silva, leu à numerosa assembleia a seguinte carta que o sr. Camoesas, pela comissão de parlamentares que se incumbira de solucionar o movimento, lhe enviou: «O grupo de senadores e deputados que se propoz, conseguir uma solução conciliatória do conflito ferroviário, deliberou encerrar os seus trabalhos. Esses parlamentares asseguraram-se de que a C. P. mantêm as suas disposições de readmitir todo o seu antigo pessoal, salvo os saboteiros e os principais incitadores da greve. Adquiriram a convicção que tanto esta como o governo não estudaria e atenderia, no limite do possível, as reclamações do pessoal, logo que os serviços estejam normalizados. — Saude e Fraternidade. — (a) João Camoesas.

Usaram da palavra os grevistas Carlos A. Pires, Matias Figueiredo, Pamfilio Fernandes, Carlos Santos, Anselmo Cunha, A. Massano, Tomás de Oliveira, Alfredo Delgado, António Martins, Ilário Silva, que foram unânimes em constatar a inquebrantável solidariedade dos ferroviários e a necessidade de proseguir com o movimento até final.

A assembleia que apoiou calorosamente os oradores, manifestou-se vivamente contra a intervenção de elementos politicos na solução da greve. A sessão terminou cerca das 20 horas, por entre entusiasticas aclamações à greve ferroviária.

### Provocando para garantir... a ordem!

A hora em que os nossos camaradas ferroviários se encontravam reunidos na Caixa Económica Operária, um pelotão de cavalaria da guarda republicana dirigia-se muito paulatinamente à rua do Vale de Santa António, onde tem a sua sede a Cozinha Comunitaria, que tam valioso auxilio vem dispensando aos grevistas.

O comandante da força, um alferes, entabulou conversação com o policia de plantão à esquerda da área, que fica dianteira à mesma Cozinha, e como ele lhe dissesse que a melhor occasiao de encontrar gente é de manhã, quando se distribue a primeira refeição, o nosso zeloso mantenedor da «ordem» prometeu lá voltar hoje...

Depois, com os seus homens, de novo muito paulatinamente se poz a caminho, em direcção à Graça, onde chegou quando a reunião da Caixa Económica havia terminado. O pelotão formou de frente do antigo quartel de infantaria 5, cuja guarda também formou, e pouco tempo após deu-se à tarefa de dispersar os grupos de camaradas que no largo estacionavam, levando os soldados as carabinas fora dos coldres, prontas a servir à primeira voz.

Tudo isto foi feito com a costumada delicadeza, gritando os mantenedores da ordem como possesores e estabelecendo escudadas correrias, de que resultou o espedeamento do forjador Maia, das officinas da C. P., só porque, para não ser atropelado, se agarrou às redes duma das montadas.

Apesar dos claros intuitos da força, que consistiam em provocar a desordem para... garantia da ordem, os nossos camaradas, refraindo a sua justa revolta, comportaram-se por forma a evitar que o sangue corresse mais uma vez.

### Como os «amarelos» respondem...

Cerca das 10 horas de ontem, o nosso camarada Domingos de Oliveira, com mais dois grevistas, seguiu pela rua do Terreiro do Trigo, quando se encontrou com um amarelo dos escriptórios que se dirigia para a estação de Santa Apolónia.

Urbanamente perguntou-lhe o que ia fazer, e como ele lhe respondeu desabridamente, invectivou-lhe o infame procedimento de traição que adoptou, no que foi secundado pelos seus companheiros.

Passava na occasião um dos individuos ultimamente admitidos ao serviço da C. P., que, sem mais aquelas, puxou de uma pistola e disparou, provocando correrias e dando azo a que dois grevistas, que nada tinham com o caso, fossem presos pela guarda fiscal.

E falso que, como diz A Capital, os amarelos em questão fossem agredidos, longe estando os camaradas que no caso se viram envolvidos de pensarem em tal.

### A normalização do serviço é esta

Para se apreciar bem a normalização dos serviços ferroviários da C. P., todos os dias apegada na imprensa burguesa, que não se peja de burlar os seus leitores publicando todas as mentiras que aquella Companhia lhe impingue, basta confrontar o livro-horário do serviço de comboios antes da greve, com o livro-horário que entra hoje em vigor e que é aquele em que figura maior numero de comboios, depois do pessoal ter abandonado o serviço.

Este livro, que tem o título de *Horário Provisório C*, contém ao todo 34 comboios, incluindo neste numero os supplementares e aqueles que apenas se efectuam 3 vezes por semana.

No livro anterior à greve figuram 294 comboios entre efectivos e supplementares, além de 108 máquinas isoladas!

Mas que grande normalização!

Busca infructifera

Dizem do governo civil: Dois agentes da policia de investigação com alguns guardas da segurança, procederam ontem a uma busca no prédio n.º 55, da rua do Mirante, por constar que ali estavam reunidos os ferroviários, busca que não deu resultado.

### O pessoal apresenta-se ao serviço, segundo a Havas

PORTO, 8. — O pessoal da Companhia dos Caminhos de Ferro da Póvoa apresentou-se efectivamente hoje, seguindo de tarde cada um para as suas estações devendo amanhã normalisarse todo o serviço. — H.

## Ferro-viários presos

Acompanhados por uma praça de infantaria 23, vieram ontem presos do Cacem, e foram entregues à policia de segurança de Estado, os ferro-viários Carlos da Conceição, Raul Moreira, serralleiros e Ricardo Augusto Pires.

### A cozinha comunista

Nota das importancias entradas no dia 8 do corrente:

Associação Empregados Menores dos Correios e Telégrafos, 30800; Alfredo António, chefe de distrito n.º 103, 1500; quete aberta entre particulares na Cova da Piedade e Cailhas, 4540; Soma, esc. 35540.

Importancias entradas em 9 do corrente:

Camaradas que trabalham no Instituto Gama Pinto, 5510; Associação dos Encadernadores e Anexos, 2550; Sociedade Estoril, pessoal de distrito n.º 2, 3850; Manuel Rocha dos Santos e Irmao Beato, 5500; Anónimo, 510; Cordoaria Nacional (Pessoal), 6530; quete aberta no governo civil, 3505; quete aberta na tipografia Eduardo Roza, 2550; quete abas officinas Jilão Gomes Ferreira & Companhia (S. Tiago), 5575; idem, promovida pelo apontador Raul Castela na obra do Hospital do Desterro, 40500; idem do pessoal do asilo Maria Pia, 10850; idem do Parque Eduardo VII, 45570; idem no bairro da Graça, 24571; Manuel Carrilho, 550; J. M. Calafate, 520; pessoal dos Tabacos, Régie, 46355; Comandita Igualitaria Poliduros de Móveis, 580; quete aberta entre o pessoal de automóveis da firma Barbosa Villa & Brito, 18535; Associação dos Operários do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, 20500; quete aberta no Arsenal de Marinha: lista 194, caldeireros cote, 2510; lista 190, pinheiros, 1535; lista 195, Trigo de Mar, 3500; lista 200, Electricidade, 6814; Federação do Livro e do Jornal, 10500; quete aberta entre os carruageiros do Rego, 5510; F. A., 1500; sócio n.º 370, da Construção Civil, 520; camarada Vitorino, 1500; Manuel Nobre, 550; A. M., 2550; camarada Galloz, 550; Soma, 2587.

A Comissão da Cozinha vem, por este meio, patentear o seu reconhecimento pela solidariedade que lhe estão pre

# As perseguições governamentais

O encerramento da Associação dos Operários Alfaiates

Amanhã deve a comissão administrativa deste sindicato procurar o director da policia de segurança do Estado, a fim de reclamar-lhe a reabertura da sede, arbitrariamente encerrada desde o cerco que as autoridades fizeram quando ali se realizava uma sessão de trabalho da Juventude Sindicalista Central. De esperar é que essa comissão veja coroada de êxito os seus esforços, porquanto não se compreende que, tendo sido ordenada a reabertura dos sindicatos que, quando desses cércos, foram encerrados, a Associação dos Operários Alfaiates continue com a sua sede ocupada pela autoridade.

Mais uma prisão

Na esquadra do Caminho Novo encontra-se preso o servente de pedreiro Francisco Custódio de Andrade, acusado de fazer propaganda bolchevista. Esse operário tem a sua companheira no hospital, gravemente enferma, com quatro filhos menores no mais completo abandono. Chega a admirar que os actuais governantes não possuam a menor parcela de sentimentos humanitários, não hesitando em encarcerar, por delicto de opinião—para o qual a Constituição da República não admite o menor castigo—um proletário com pesados encargos de família!

Sindicato União Metalúrgica

Os corpos gerentes registaram com satisfação a notícia de terem sido postos em liberdade, os camaradas que o governo retinha nos calabouços do governo civil, esperando que o mesmo acceda com os presos do quartel do Carmo, não havendo motivo que tal detenção se justifique.

Manufatureiros de Calçado

Em reunião de direcção deste sindicato, foi tomado conhecimento da libertação dos camaradas Alfredo Monteiro e Rosendo J. Viana e outros camaradas, com o que bastante se congratula, protestando todavia, contra o facto de outros camaradas continuarem presos pelo mesmo delicto que os que foram libertados.

Uma família inteira perseguida

Sob este título publicámos na passada sexta-feira um protesto contra a perseguição de que estava sendo vítima a família Manante.

Recebemos ontem a seguinte carta, a propósito do caso:

**Camaráda redactor.**—A propósito da localidade do título, uma família inteira perseguida, publicada no nosso jornal de ontem, convém esclarecer o público, pois não se trata de elementos operários mas sim de trabalhadores de escritório.

Relatamos: Imperava o Grande Morto, no Alto do Pina, como em outros locais, apareceu uma horda de traidores que, capitaneados por um certo traidor, estavam a casa de todos os camaradas, roubando ali alguma coisa que a gente podia ganhar.

Desde 4 meses não tive ordem de ficar em casa, tendo-me estado assaltando e invadindo por essa seita, que pretendem agredir a minha companheira, para a obrigarem a dizer onde se encontra. Isto desde a greve geral de Novembro de 1918, até ao assalto de Monsanto.

E quem a camarada sabe quem eram os perseguidores? Que fizeram do Alto do Pina quando a greve?

Nem mais nem menos, do que essas criaturas, que abusando do vosso nome, vieram implorar o auxílio do nosso jornal, dizendo-se perseguidos por serem operários conscientes.

A sr. Judith da Silva, diz que seu marido, que por sinal é cabo da policia sidiótica, está preso, bem como seus filhos António e João Manante, operários sapateiros (7).

Por isso, queriam que os seus filhos fossem mais se salientarem na perseguição, assaltos e roubos: no Alto do Pina, agredindo operários a cavalo marinho, a correndo e arguindo a bicicleta uma força, uma força autêntica, que foi muito visitada e que, no caso de virar a sarranhuca do Monsanto, estaria agora a funcionar.

Na perseguição contra outros camaradas do Grande Morto, a alma danada que incitava os bandidos a cometer toda a casta de infâmias, andando de dia pelas bichas espalhadas e erguendo a voz contra a greve, pelas escadas, ouvindo o que se dizia em casa de cada um, para depois ir delatá-lo. Na ocasião dista prisão os agressores eram os mesmos, os mesmos, os mesmos.

Ora sem quererem mais a tais criaturas, pois que também continuamos a ser perseguidos, não podemos, no entanto, deixar de dizer que não temos razão de se queixar, pois que é cá neste mundo que se paga tudo, apesar de não sermos nós os justiciros.

Não podemos gramar, sem nosso protesto, que venham agora dizer-se perseguidos como bolchevistas, criaturas que conhecemos como autênticos sidióticos e talassas. Devemos acamarrar mais bem os dentes e os olhos no nosso jornal, pois que é um completo contrassenso estarmos a defender os seus interesses.

Os delictos destes traidores são a única origem da perseguição que estão sofrendo: pois, que se queixar. Sofrem a pena de Talão.

Agradecemos em meu nome e de de dezenas de camaradas que me procuraram para fazerem a carta, sou camarada e amigo.—J. Cardoso

Como noticiamos a sr. Judith da Silva apareceram-nos aqui lavados em lágrimas, a queixar-se da feroz perseguição que contra sua família estava sendo movida e nós, que nunca negamos defesa a quem quer que seja que não pareça sincero, publicamos a sua queixa.

Vamos agora que fomos ludibriados pela sr. Judith, o que nos leva a ter de futuro, a máxima cautela com as pessoas que aqui vierem queixar-se, a fim de não tornarmos a ser comidos.

A sr. Judith que tenha paciência, temem ventos...

# A BATALHA

Um escândalo—Apreensão de arroz deteriorado—O Estado metido nisso? Os comerciantes desculpam-se—A indignação pública

PORTO, 6.—Um caso de moralidade: descobriu-se, num armazém situado para as bandas da rua Formosa, a existência de algumas dezenas de sacas de arroz deteriorado que se destinava, certamente, ao envenenamento do consumidor. O caso, como é de prever, causou escândalo; o público pretendia fazer justiça pelas suas próprias mãos e a policia interveio inopinadamente, fazendo remover toda aquela podridão escondida, mereço do critério especulativo reinante, para o governo civil onde ficou depositada. Mudança de armazém... A imprensa, que se tratou de um caso de bolchevismo praticado ao invés por entidades poderosas, apenas deu uma noticiuzinha para evitar alarmes contraproducentes.

Resultado: A firma Barreto, Filho & Gento para salvaguardar a sua dignidade seriamente ameaçada nesta honrada praça, declarou perentoriamente que os armazéns onde foram encontradas as sacas podres contendo arroz igualmente podres, foram obsequiosamente cedidos, livrando-as de embarracos, a delegação do ministério dos abastecimentos e a comissão de subsistências da câmara, nada tendo, portanto, essa firma com os gêneros ali depositados...

Um outro comerciante, igualmente zeloso da sua honra profissional, a quem lhe foi apreendido certa quantidade do mesmo cereal, sacrificou a água do seu capote, afirmando não lhe pertencer o arroz preso para inglês ver, porquanto as autoridades que fizeram a mesma apreensão e a quem está afecto, bem sabem a quem pertence a mercadoria delatada. Segundo ele, estava só encarregado por aquele quem, que nesta análise é o sujeito, de afastar o bom arroz e inutilizar o mau, destinado no dizer das más línguas à moagem e ao fabrico da poeira intragável e cheia de bichos. De maneira que, pelo visto, o Estado emparceira admiravelmente ao lado do seu compadre comércio. E ainda há quem pense em apelar para os governos a fim de meter na ordem os falsificadores e os especuladores! Ora cebo!

**Cruzada Social**

A comissão organizadora da Cruzada Social, que se fez a 15 horas, a sessão de propaganda que realiza na Associação dos Calceiros, a rua António Maria Cardoso.

Usando da palavra D. Maria O'Neill Pereira, dr. Costa Júnior, Cristiano Lúis, Arthur Portela, Francisco da Costa Leite, Rodrigo Esteves Ramo, dr. Augusto Quintanilha, um delegado do pessoal hospitalar e outros camaradas da organização operária. A comissão organizadora pede a todos os sindicatos da Lisboa que enviem um delegado a esta sessão de propaganda, a fim de se orientarem conscienciosamente sobre a obra humanitária e de solidariedade social, que esta Cruzada quer levar a efeito.

**PELO MINISTÉRIO DO COMÉRCIO**

**Operários despedidos**

sob a falsa acusação de bolchevismo

Estiveram ontem na nossa redacção os operários que trabalham nas Obras do Castelo de S. Jorge queixando-se de que tendo sido na segunda-feira a obra fechada e o respectivo pessoal distribuído por diferentes obras, ontem no acto do pagamento que se efectuou na obra da Sé foi-lhes lido um officio emanado da respectiva secção que lhes notificou que desde ontem em diante se consideravam despedidos. Surpreendidos com tão injustificável noticia não mearam entre si uma comissão encarregada de averiguar os motivos de tal despedimento, sendo-lhes dito pelo director dos edificios publicos sr. Borges de Castro que tal determinação foi ordenada pelo ministrio do comércio e obediência a uma queixa do comandante da guarda republicana accusando os operários de fazerem propaganda bolchevista.

Tal affirmacão indignou profundamente os operários que são em número superior a 70, entre os quais há individuos de diversas cores politicas sendo alguns conhecidos democráticos e afirmam que tal affirmacão é menos exacta pois que se fosse verdade já as autoridades que ali superintendiam teriam prendido quem a fizesse, dado o facto das ordens que possuem em reprimir o bolchevismo. Em virtude da resposta que obtiveram, resolveram entregar a solução do estranho caso à Federação da Construção Civil. A referida comissão convida todos os operários desta obra a comparecerem amanhã às 13 horas na sede da Federação.

**SINDICATOS**

**Operários Metalúrgicos.**—BRAGA, 7.—Até que enfim torna a ter vida entre as associações da velha Bracara, a associação dos operários metalúrgicos, que meia dúzia de especuladores, dizendo-se operários, levaram ao caos, a mais degradada ruína, acabando assim com a organização, dando colectivamente tão numerosa e útil. Até que hoje de novo está levantada, posta no seu nível, pronta a entrar na luta ao lado das suas companheiras, o que é preciso, atendendo à hora angustiosa que atravessamos.

Hoje, mais que nunca, nós, os operários, precisamos de organizar-nos, preparando-nos para a grande luta das reivindicações que temos de travar contra aqueles que nos torturam.

Avante, pois, camaradas metalúrgicos porque o momento é oportuno e a ocasião é própria.

**Um homem fulminado**

quando procurava apagar um incêndio

PORTO, 8.—Numa cabine dos serviços municipais do gás e electricidade, existente no mercado do Bolhão, houve qualquer desarranjo que produziu incêndio; acudiram os bombeiros e empregados daquele serviço. Um destes, Manuel Alves, que entrou em primeiro lugar, não usando cautela, foi fulminado por uma violenta descarga electrica, tendo morte instantânea. H.

# Na Funcheira

Dois carrascos modelos!

Continuamos hoje com o relato das traficanças feitas pelo mestre Medronho e pelo seu acólito chefe Ribeiro, para demonstrar onde se esgotam as verbas, destinadas para o pagamento dos trabalhos de construção mandados executar pelo Estado.

Essas criaturas, que só tem instintos trífidos, que não se coem dos males dos explorados, mas de suas pessoas em prejuizo dos explorados, não podem ser poupados, porque o não merecem. Mas vamos aos factos: Na Funcheira existem três casas, ali, onde se queima lenha cedida gratuitamente pelos proprietários só para limpar as terras, sendo pagas até 50 centavos por carraça, ficando até ao local em mais de dois escudos.

Vespa e ura da cal e fornecida pelo sr. Alfredo Vidal, de Albuquerque e sobre tal havemos de fazer algumas referências.

Portm, o Medronho, querendo meter-se em tudo, fez pessoal, para a Funcheira, de tal forma que a maior parte das vezes saia de lá com a cal, nunca se esquecendo de recomendar ao apontador que marque tantas sacas, apesar de muitas vezes nem aparecer por lá. Este processo só reinava em intenção de para esse cavalleiro sendo prejudicados os Estados e os proprietários.

O tijolo e a cal são fornecidos para toda a ilha e algum para Évora, mas o mestre que tem interesse que, quando são verificados os trabalhos de cal, não haja cal, encontra uma receita superior à despeza, naturalmente para receber os elogios ou as grandes gratificações, manda, por exemplo, um vagão de cal com 500 tijolos e marca 4.000. Um vagão de cal com 500 tijolos é marcado no livro de saídas com 4.000 e levado 50 e 120 metros e que a vendição se pode fazer porque no ponto do destino ninguém confere.

Em janeiro de 1918, saíram 2 vagões de cal para as minas do Lousal, não sabendo os Estados e os proprietários que a Funcheira de Moagem da Funcheira fornecida em tempos uma quantidade de cal de cal, mandou por esse mestre se lhe podia fornecer em troca do cal.

Estes, falando com o chefe, responderam que estavam autorizados a fornecer a particularidade produzida e que mandassem as faturas para pagar.

Pois apesar disso, por algumas vezes pagaram o cal, para receber, não lhes pagaram o cal.

Na Funcheira, em 1916 e 1917, foi dada de empreitada a terraplanagem e as obras de calçamento e calçadas, mas a maior parte da obra ficou sem fazer. Não podemos afirmar que o empreiteiro fizesse alguma falta, mas... os adeguidos ficaram por fazer, tendo a obra sido entregue ao Estado, apesar do empreiteiro não ter pago a sua importância do trabalho que não esteve feito.

Pois este empreiteiro reclamou mais 7.000.000 para prejuizos e alterações de serviços na Funcheira e Portimão e com certeza já os tinha no papo se não fosse a derrota do Monsanto.

Com respeito ao fornecimento de pedra de alvenaria tem esta faltado por diversas vezes, mandando-se uma zorra procurar a toda e linha, pedra aqui, pedra acolá, ou mandando buscar a outros trabalhos, onde também faz falta.

Todavia, bem perto da estação, há uma casa que faz a boa pedra de alvenaria com que se fez a obra, mas o chefe tem interesse em encher as algibeiras do Estado, dando um resultado de que, nem mesmo em Alentejo, não se encontra a pedra que se precisa para a obra.

Acconteceu assim um comboio com 30 a 40 vagões e demorou dois dias a carregar. Com a despeza do comboio, pessoal e dias de espera, pôde fazer-se a obra, mas sempre com pedra às ordens. Os carpinteiros, o ano passado, em número superior a vinte, andavam certos de três quinzenas a tirar pregos dos armazéns, com a excepção de um e a endireitá-los, para depois irem fazer soalho, forros e outros serviços, tendo a obra ficado sem terminar, dando o resultado de que os carpinteiros e os trabalhadores do Estado se tivessem sido feitos de novo. Na Funcheira, para o abastecimento de cal, há um motor a vapor e dois a gasolina. Para o primeiro, como prestava defeito, os nossos homens, sabendo que dois amigos estavam para arrancar uma porção de cal para os trabalhos de calçamento, que calavam, gastaram cerca de 200 metros de cal, lá combinaram arrancar a lenha mandando para lá um carregamento e seis horas depois, quando os amigos chegaram, a lenha não fosse boa, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a cavar toda a terra e a calçada, arrastando os motores para os lados, para o forno da cal, a que não servia. Calcula-se que com a colheita da lenha foram gastos 400 a 500 escudos, não carregando para os trabalhos de calçamento, mas para a lenha não dar nas vistas, mandou as zornas aos vagões dos depósitos gerais buscar a lenha que ali se encontrava do que o chefe da obra estava na espera, providenciando a lenha para o motor da toma de água, deixando a lenha, a que se colhia dava resultado; mas não os trabalhadores eram obrigados a

